

Alfabetização de crianças portadoras de Meningite

Brena Thais Pereira de Souza Nascimento¹

Albanita Pereira de Souza Nascimento²

RESUMO

O presente artigo trata-se de um trabalho investigativo de caráter transversal que procurou avaliar o nível de dificuldade no processo de alfabetização infantil, em crianças portadoras de meningite. Os dados foram coletados através de questionário com professor e família do sujeito afim de descobrir o ponto crucial da dificuldade enfrentada por ambas as partes que compõe o sistema escolar. Após a investigação verificou-se a necessidade de buscar estudos onde envolvam estratégias que possibilitem maior apoio e treinamentos especializados para os profissionais que atuam na área de alfabetização, para que os mesmos encontrem suporte para atender as necessidades das crianças, em particular aquelas consideradas especiais que muitas vezes são apenas rotuladas pela comunidade familiar mais chegam a escola precisando quebrar o tabu e desenvolver suas potencialidades cognitivas, afetivas e psicomotora como também se socializa-se com outras crianças. Nessa perspectiva, ancoramos no referencial teórico metodológico de Magda Soares, Alice Fernandez, Emília Ferreiro, Jorge Visca e Telma Weiss dentre outros buscam melhoria na qualidade da alfabetização infantil visando a qualificação dos profissionais para que se sintam preparados para vivenciar no dia-a-dia uma melhor qualidade de ensino para os educandos.

Palavras-chave: Alfabetização, Dificuldade de aprendizagem, Necessidade especial, Meningite, Família.

INTRODUÇÃO

O interesse por este tema surge durante o estágio institucional e clínico partindo das situações vivenciadas na sala de aula, onde formas constatadas dificuldades encontradas pelos educadores que trabalha com alfabetização infantil, as inúmeras barreiras que os mesmos enfrentam ao cotidiano para alfabetizar. Da mesma forma, educadores encontram obstáculos para superar as dificuldades e alfabetizar-se. Mediante a esse contexto, é que a psicopedagogia, intervir como mediadora em conhecimento intelectual que busca compreender as razões dos distúrbios e aprendizagem, porém, procurando respaldar na história da educação, trilhando nas experiências dos estudiosos como: Vygotsky, Piaget dentre outros que abordam temas baseados no conhecimento da mente humana assim sendo buscar soluções que resolvam ou pelo menos amenize as dificuldades do processo de alfabetização infantil, isto tanto nas crianças consideradas normais como nas crianças que necessitam de cuidados especiais, pois, os estudos mostram que, “As dificuldades de aprendizado constitui-se num campo amplo e complexo, envolvendo determinantes sociais, culturais, pedagógicos, psicológicos”. (RANNA, 1979, p.110).

Na verdade, os aspectos orgânicos relacionados a construção biofisiológica do sujeito que aprende, alterações nos órgãos sensoriais impediram ou dificultaram o acesso aos sinais do conhecimento. A construção das estruturas ou cognoscitivas se processa num ritmo entre os

¹ Graduando do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal - UFRN, Brenathais23@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UFRN, Albanitapereira@ymail.com;

indivíduos normais e os portadores de deficiências sensoriais, pois existiram diferenças nas experiências físicas e sociais vividas. (WEISS, 1997).

Nesse contexto, surgem, a todo o momento, questões biológicas ou orgânicas, questões psicológicas, de linguagem, familiares sociais que estão envolvidas no processo de aprendizagem, a complexidade de fatores e causas que podem estar determinado os distúrbios da aprendizagem. (ZORZI, 2003, p. 106).

Historicamente, alguns rumos seguidos pelo pensamento humano, desde o século passado, reforçam a crença de que os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem análise das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que analome fatores, orgânicos, cognitivos, afetivos/sociais e pedagógico, percebidos dentro das articulações. (SCOZ, 1994, p. 19).

Os processos de aprendizagem levam em conta a interferência de aspectos biológicos, cognitivos, emocionais e sociais, concebe a aprendizagem como uma construção intrapsíquica, com continuidade genética e diferenças evolutivas, resultantes das pré-condições energético-estruturais do sujeito e das circunstâncias do meio. (VISCA, 1991).

A reprodução do ser humano não termina no suporte orgânico. No homem, os comportamentos não vêm escritos geneticamente, mas só a possibilidade de os adquirir. O modo de criar um filho, de comer, de falar, não se herda, se aprende, as constantes da espécie estão garantidas, então, pela presença de estruturas gerais de elaboração cognitiva e semiótica, preparadas para possibilitar a integração do sujeito à cultura. (FERNANDEZ, 1990, p. 51).

Fica evidenciado que à natureza complexa do processo de alfabetização, com facetas psicológicas, psicolinguística, sociolinguística, e linguística, é preciso acrescentar os fatores sociais, econômicos, culturais e políticos que o condicionam. Uma teoria coerente da alfabetização só será possível se a articulação e integração das várias facetas do processo forem contextualizadas e culturalmente e iluminadas por uma postura que resgate seu verdadeiro significado. (SOARES, 2005, p. 23).

Nessa perspectiva a presente artigo tentou abordar a seguinte questão: O problema que envolve o processo de alfabetização infantil em crianças que apresenta dificuldades na aprendizagem? Assim sendo o presente trabalho tem como objetivo: indicar a importância de todas as áreas do conhecimento para o desenvolvimento da aprendizagem da criança do ensino fundamental I, buscando sempre compreender a função e papel da escola no desenvolvimento do educando, conhecendo a realidade do cotidiano da sociedade, refletindo sobre as diferenças culturais, sociais, econômicas e familiar, em que o sujeito está inserido. Para obter esse objetivo se realizou uma consulta de várias obras textos de literatura e um estudo de caso em uma instituição escolar.

1.1 Alfabetização infantil

O processo de alfabetização infantil ocorre dentro de um conjunto de habilidades é um fenômeno de natureza complexa multifacetada que envolve diversas áreas do conhecimento tais

como: psicológica, psicolinguística, sociolinguística e linguística etc. Nessa perspectiva a relação entre alfabetização e escolarização apresentam a dependência, porém existem duas formas segundo as quais comumente se entende a alfabetização: ou como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou com um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes.

Partindo desse conceito surge uma divergência no que se refere a primeira perspectiva que trata a alfabetização como algo que cheda ao fim podendo ser descrita sobre a forma de objetivos instrucionais. Como processo que é caracteriza-se a sua incompletude e descrição dos objetivos a serem ao cansados deve-se a uma necessidade de controle mais da escolarização do que da alfabetização de fato, alfabetização está intimamente ligada a instrução formal e as práticas escolares e é muito difícil de dar com essas variáveis separadamente.

Como mostra Emilia Ferreiro (1986) as primeiras escritas silábicas não possuem uma correspondência escrita entre o número de sílabas e as grafias empregadas. Mas que as crianças “evolui” até chegar à exigência rigorosa: uma sílaba por letra, sem omitir sílaba e sem repetir letras, sendo o período silábico um dos momentos mais importantes na aquisição da língua escrita, pois este permite obter um critério geral para regular as variações na quantidade de letras que devem ser escritas e centra a atenção da criança nas variações sonoras entre as palavras.

O período silábico-alfabético, de acordo com Emília Ferreiro, marca transição entre os esquemas prévios e os esquemas futuros em vias de serem construídos “a partir desse nível a criança constata que uma grafia para cada sílaba não é suficiente para representar a palavra, pois escrevendo silabicamente os outros não conseguem ler o que foi escrito. Nesse nível coexistem duas formas de corresponder aos sons e grafias: a silábica e a alfabética”. Assim sendo no nível silábico-alfabético evidencia-se a utilização ora de uma letra para cada sílaba, ora de uma grafia para cada fonema. Dessa forma o nível silábico-alfabético é um período de instabilidade entre um sistema silábico com muitas contradições.

No nível alfabético, a criança abandona a análise silábica na construção de palavras e estabelece uma correspondência entre grafemas e fonemas. Tal correspondência pode ser feita sem predomínio de valor sonoro convencional das letras, ou seja, a criança atribui qualquer fonema a qualquer grafia centrando-se tão somente na correspondência sonora. Escrever alfabeticamente não significa, no entanto saber escrever de modo ortográfico com forme os padrões socialmente instituídos, sem que o último passo para a compreensão do sistema de escrita foi dado, isto é, a vinculação da pronuncia como construção alfabética de sílabas.

A escrita alfabética é, portanto, um fenômeno complexo que depende de dois tipos de conhecimento prévio, conforme aponta Rego (2002, p. 47).

- a) Uma capacidade de distinguir a palavra enquanto sequência de sons do objeto a que ela se refere, abandonando assim concepções realística a respeito da palavra;
- b) Elaboração de hipótese alfabética a respeito da representação escrita da palavra partindo então de uma análise da palavra em unidades menores que a sílabas.

1.2 No Brasil o processo de alfabetização passou por vários movimentos mesmo a educação sendo contemplada na primeira constituição de 1824, que não atendia a todas as camadas sociais, ou seja, não era planejada pretendia atender aos problemas imediatos. Ao longo das décadas surgem novas ideias como: educação e positivismo manifesto dos pioneiros dentre outros, porém no período conhecido como segunda república foi que a educação ganhou espaço através de inúmeros debates que envolviam diversos campos da sociedade daí abrindo espaço para o anteprojeto de lei Diretrizes e bases (LDB) que levou treze anos para se efetivar em fim garantir o direito a todos os níveis da educação, ou seja, do ensino infantil ao ensino superior porém com a conferência, em Salamanca, na Espanha, entre 7 à 10 de Junho de 1994, a conferência mundial sobre necessidades educativas especiais, que reuniu delegados de 92 países e 25 organizações internacionais. Essa conferência teve objetivo de promover a educação para todos, analisando as mudanças fundamentais de política necessária pra favorecer o enfoque da educação entregadora, capacitando as escolas a atenderem a todas as crianças, sobretudo as que têm necessidades educativas especiais.

Os princípios norteadores de Salamanca são conhecimentos das diferenças, o atendimento as necessidades de cada um, a promoção da aprendizagem o reconhecimento da importância de “escola para todos”.

A educação numa democracia é o principal instrumento que o indivíduo tem para exercer suas funções de cidadania. Assim sendo é de suma importância que normas norteadoras da política educacional contemplem todos os alunos sem exceção. É possível ressaltar pensadores como Piaget e Vygotsky que abordam as fases do desenvolvimento infantil e trouxeram para o campo da educação uma concepção de inteligência que rompe com os enquadramentos que até então a confinavam na psicometria.

2.0 Alfabetização e a Psicopedagogia

A psicopedagogia tem suas bases centradas na epistemologia convergente, de jogo Visca, na psicologia social e na psicanálise, bem como a psicopedagogia operativa, de Sara Pain e psicopedagogia clínica, de Alice Fernandez, tornando-se assim área do conhecimento de atuação dirigida para o processo de aprendizagem humana, cujo objetivo de estudo é o ser cognoscente, ou seja, o sujeito que se dirige para a realidade e dela retira um saber. Enquanto área do conhecimento, interessa a todo aquele que se dedica à educação na medida em que possibilita uma análise das teorias relacionadas com as ações de aprender e ensinar. Assim sendo dirigiu-se em seus primórdios, para os problemas relacionados com as dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar. Tem por objetivo a promoção da aprendizagem e configura-se como uma prática clínica que entrega diferentes campos de conhecimentos, envolvendo elaboração teórica a respeito do ponto de convergência em que opera Júlia Eugênia Gonçalves.

A psicopedagogia que surgiu na França somente na década de 70 teve seu momento de descanso no Brasil, em particular na PUC de São Paulo com cursos que enfatizam temas como “A criança problema numa classe comum”. Dificuldades escolares etc. Nesta fase destacam-se dois nomes que muito contribuíram para um maior conhecimento dos problemas de aprendizagem; Ana Popovic e Geny Golube de Moraes, da PUC de São Paulo. Nesse momento,

propunha-se que fosse feita uma análise das preocupações dos profissionais que atuam com as crianças que não respondiam as solicitações das escolas, e na tentativa de resolver esses problemas, vários profissionais buscavam subsídios através de cursos voltados para os excepcionais, sem conseguir, entretanto, resgatar os problemas da normalidade. Partindo dessa necessidade de surgir o espaço do instituto sedes Sapiencial com o primeiro curso regular de psicopedagogia, em 1979, em São Paulo, com o objetivo da construção de um modelo próprio que possibilita a entrega do processo educativo dentro da nossa realidade e que também leve em conta, a problemática das crianças pertencentes às camadas majoritária da população. Cabe aqui ressaltar que,

A psicopedagogia surgiu com a finalidade de auxiliar os educadores, em especial aqueles que atuam com crianças que apresentam algum distúrbio de aprendizagem, procurando investigar as causas que levam a criança a não aprender. Nesse caso o psicopedagogo procura informar-se de tudo que acontece ou aconteceu na vida da criança, ou seja, seu histórico de vida, para tentar resolver as dificuldades de aprendizagem que a envolvem buscando uma melhor forma de analisar todas as questões ligadas ao sucesso ou fracasso do aprendiz, quais as origens dos distúrbios apresentados. Dessa maneira busca-se uma psicopedagogia.

Nesse contexto, o psicopedagogo precisa observar as condições básicas para que o processo de aprendizagem ocorra, levando sempre em consideração a integridade afetiva em meio aos distúrbios de aprendizagem. Cabe também avaliar, o conhecimento dos períodos de desenvolvimento emocional e a compreensão do valor das vivências evolutivas na orientação e desempenho da aprendizagem.

A psicopedagogia vem dando sua colaboração para o processo de alfabetização desde que surgiu no Brasil, na década de 70, vem auxiliando os professores que trabalham com crianças, em especial aquelas que apresentam algum tipo de necessidade, seja na área psicológica ou social. Como foi dito anteriormente, com inclusão escolar surgiu uma necessidade por parte dos profissionais em estarem mais preparados para atender os problemas que envolvem crianças de todas as camadas sociais. Nesse contexto faz-se necessário um estudo mais aprofundado de como atender às crianças e obter um resultado positivo, partindo do ponto crucial, que é a necessidade que a mesma trás para a escola, porém, sempre com o olhar voltado para a compreensão e determinação em superar os obstáculos e transformá-los em aprendizado, em especial no que se refere a leitura e escrita, ou seja, ao processo de alfabetização. Nesse aspecto, proponha uma alfabetização plena.

2.1 Meningite

A meningite, é uma doença causada por bactérias que é provocada por coços (o principal é a neisseria meningitidis) que se instala na meningis, membranas que envolve o cérebro e a medula espinhal. Os principais sintomas são febre alta, vômito, dores de cabeça e rigidez na nuca. A contaminação se dar através de bactéria que penetram no organismo pelo nariz e pela boca sua prevenção é feita por meio de vacina o tratamento exige o uso de antibiótico. (DANIEL CRUZ, 2004).

Segundo J. Pedeat. (2007) a meningite é a ocorrência de um processo inflamatório das meninges, membranas que envolvem o cérebro. Pode ser causada por diversos agentes infecciosos como bactérias, vírus e fungos e agentes não infecciosos.

Das meningites de origem infecciosa, as principais são as causadas por vírus e bactérias, pela magnitude de sua ocorrência e potencial de produzir surtos.

A meningite viral (ocasionada por vírus), também chamada asséptica ou serosa, caracteriza-se por um quadro clínico de alteração neurológica que em geral evolui de forma benigna. Os sintomas mais comuns são fotofobia, rigidez na nuca, náuseas, vômitos, febre e aparecimento súbito de cefaleia.

Segundo J. Pedeat. (2007) as meningites bacterianas constituem um importante problema de saúde pública tendo em vista sua expressiva morbimortalidade e seqüelas diferentemente das meningites virais, que possuem evolução rápidas e benigna, as meningites causadas por bactérias Nos dias atuais o ministério da saúde, através de campanhas de vacinação já tem um controle da doença que pode levar a óbito ou deixar seqüelas para o portador da bactéria uma vez que a mesma agi no cérebro e na medula espinhal dessa forma o sujeito que contraiu meningite pode carregar consigo uma certa dificuldade de aprendizagem em virtude da membrana cerebral tecido afetado.

Mediante a esse contexto e abordando as dificuldades e problemas na alfabetização infantil, segue um estudo de caso de uma criança que contraiu meningite aos seis meses de vida quais as maiores dificuldades enfrentadas pela mesma em relação a aprendizagem escolar. Assim sendo, as pessoas portadoras de meningite apresentam dificuldades de memorizar o que ouve e também de recontar fatos vivenciados na sequência lógica, porém não estão impossibilitados de aprender. Só requeri um tempo mais longo bem como desempenho maior da família em relação aos estímulos dados para o desenvolvimento de suas potencialidades dentro de seus limites de aprendiz.

Cabe aqui ressaltar que a instituição escolar também precisa colaborar com as crianças, que são portadoras de meningite, bem como de qualquer outra deficiência. Quando se fala em meningite, gera-se uma expectativa muito grande visto que, é uma doença que mata ou então deixa sequela mesmo assim há possibilidades de aprendizagem para o portador de meningite mesmo que em ritmo mais vagaroso e métodos diversificados bem como recursos didáticos e até mesmo acompanhamento de psicólogo, ou psicopedagogo, uma vez que as doenças ou patologias estando presente no aprendiz pode causar deficiência no desenvolvimento de aprendizagem.

apresenta um

2.2. Apresentação do caso

N. F. S. é do sexo feminino, está com nove anos de idade, tem três irmãos é a mais nova foi adotada aos dois meses. Mora com os pais, sua mãe não trabalha fora e não é alfabetizada, o pai é mecânico e cursou até o 5º ano do ensino fundamental I. A mesma nasceu de parto normal aos nove meses, segundo a mãe gosta de brincar com bola, ou seja, de (matada) gosta de ir a escola e destrói todos os seus brinquedos.

A aluna em questão estuda em uma escola da rede municipal de ensino E. M. V. I. G. cursa o 2º ano do ensino fundamental e está na escola há 4 anos, foi reprovada três vezes o que mais gosta na escola e a hora do recreio, pois a mesma adora brincar e correr com os colegas de acordo com seu depoimento gosta muito da escola e da professora, porém senta atrás e não faz atividade porque acha difícil retirar do quadro.

A professora da referida aluna diz que a mesma é muito desmotivada para desenvolver as tarefas escolares bem como os extraclasses, mesmo assim a professora procura estar sempre perto e ajudando a cumprir as tarefas assim mesmo fica difícil, pois N. F. S. só penso em passear aos corredores da escola.

O sujeito em estudo não possui lugar, nem hora específica para estudar; executa suas tarefas em qualquer canto da casa e a qualquer hora que seu pai possa ajudar uma vez que sua mãe não sabe orientá-la, portanto essa tarefa de auxiliar nas atividades escolares fica para seu pai que é um senhor de 66 anos de idade.

Sua atividade preferida é fazer bolinhas, pois diz que só tem bolinhas na cabeça e por isso não aprende fazer outras atividades. Quando a rotina do lar, segue sempre um cronograma, acorda cedo, pois a mesma sofre de insônia e toma remédio para dormir mais pelo fato de tomar outros medicamentos em

3.0 Resultados e discussão

O estudo de caso aqui descrito e de um sujeito, portador de meningite cuja a aprendizagem acontece de forma lenta em relação a outras crianças consideradas “normais”. Durante a entrevista com o sujeito e a família pode se observar um alto grau de proteção dos familiares para com a criança dificultando assim o seu desenvolvimento uma vez que é sempre poupada e protegida das atividades escolares e sempre pelo mesmo motivo é uma criança doente e não deve “puxar” muito por ela. Dessa forma, a criança toma para si a incapacidade de aprendizagem e faz disso um escudo para proteger-se e não aprender, pois:

De acordo com (PAIN, 1986, 22-23) a avaliação dos fatores ambientais deve levar em conta a atualidade e quantidade dos estímulos a que a criança é submetida.

Porém, a análise feita no decorrer das sessões psicopedagógica pode-se observar que a criança tem dificuldade de aprendizagem mais que pode ser superada aos pouco para isso faz-se necessário uma parceria da instituição escolar e a família apesar da criança ter contraído meningite aos seis meses de vida sendo meningite uma doença que afeta a medula e cérebro mesmo fazendo tratamento médico semanal e tomando remédios controlados a sujeita em questão é capaz de desenvolver suas habilidades para leitura e escrita, mesmo que de forma mais vagarosa com metodologia diversificada para melhor estímulo do sujeito, pois dessa maneira cabe: A escola conhecer o modelo de aprendizagem de cada aluno para poder ampliá-lo ou reformulá-lo, a partir da análise dos aspectos orgânicos, cognitivo, afetivos e sociais. Assim sendo a escola terá condições de identificar como o aluno pode aprender e como realmente aprende. (WEISS, 1991, p. 8).

Pode se constatar que a criança observada tem suas habilidades motora normal identifica alto, baixo, na frente e atrás, tem noções de quantidade (grande e pequeno, longe e perto), bem

como suas relações afetivas é uma criança educada, carinhosa e meiga apesar de não cuidar do seu material escolar gosta de dançar e contar de vir para escola tem bom relacionamento com todos os membros que compõe a instituição escolar. Sua maior dificuldade está relacionada a aprendizagem uma vez que é uma criança é desestimulada e não gosta de realizar as tarefas não retira do quadro e não conhece o alfabeto e sequer reconhece as vogais e apresenta dificuldade de aprender as letras, pois faz a troca entre letras e os números visto que a referida aluna não sabe contar na sequência em relação ao meio conta suas experiências ora na sequência lógica ora troca as palavras, assim sendo cada vez mais dificulta a aprendizagem da criança, pois a mesma necessita de estímulos e acompanhamento relacionado a leitura e escrita.

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das experiências realizadas tanto na clínica como no institucional com N. F. S., pode se destacar a pontualidade e a carisma da criança em estudo. Em resumo, os objetivos propostos foram alcançados, não só em relação ao término do trabalho orientado pela instituição, mais por ter colaborado para o desenvolvimento da cliente que foi analisada e de certa forma demonstrou suas dificuldades, mais também deu oportunidade de se descobrir os caminhos para se resolver o problema de aprendizagem que são em partes adquiridos no âmbito familiar proveniente da falta de estímulos em valorizar as potencialidades da aluno em discursão. Para poder,

quadro clínico grave. Que varia de acordo com faixa etária

5.0 REFERÊNCIAS

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1986.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

PIAGET, J. **Psicologia da Inteligência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

RANNA, W. O pediatra e criança hospitalizada In: **A ação psicoprofilática do pediatra**. São Paulo, Sarvier, 1979.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e Realidade Escolar**: O problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 5.ed. Rio de Janeiro DP & A, 1997.

VISCA, Jorge. **Técnicas projetivas psicopedagógica**. Buenos Aires, Argentina, 1998.

MORAIS, A. M. P. **Distúrbios da Aprendizagem**: Uma abordagem psicopedagógica. 9. Ed. São Paulo: Edicon, 2002.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprendizagem e distúrbios da linguagem e escrita questões clínicas e educacionais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.